

**O PAPEL DA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM PORTUGAL: ENTREVISTA COM MARIANA GAIO ALVES**

THE ROLE OF SOCIOLOGY OF EDUCATION IN TEACHER TRAINING IN PORTUGAL: INTERVIEW WITH MARIANA GAIO ALVES

EL PAPEL DE LA SOCIOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN EN LA FORMACIÓN DEL PROFESORADO EN PORTUGAL: ENTREVISTA A MARIANA GAIO ALVES

Mariana Gaio Alves<sup>1</sup> 0000-0001-8895-0796  
Ruth Araújo da Cunha<sup>2</sup> 0009-0001-8976-831X  
Camila Ferreira da Silva<sup>2</sup> 0000-0002-2348-9350

<sup>1</sup>Universidade de Lisboa (UL) – Lisboa, Portugal; mga@fct.unl.pt

<sup>2</sup>Universidade Federal do Amazonas (UFAM) – Manaus, Amazonas, Brasil; pedagogaruth@gmail.com, cfsilva@ufam.edu.br

**RESUMO:** Entrevista realizada com a Professora Doutora Mariana Gaio Alves, catedrática do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IE-ULisboa), com foco no debate acerca da formação inicial de professores e professoras no contexto português e dos tempos, espaços e papel da Sociologia da Educação em tal formação. As especificidades sociais, históricas e políticas da formação docente em Portugal são aqui perspectivadas a partir dos desafios contemporâneos que têm se desenhado nas relações que são estabelecidas entre a Universidade e a Educação Básica na tarefa de materializar uma formação crítica e alinhada aos princípios democráticos em tempos de avanço de neoconservadorismos.

**Palavras-chave:** sociologia da educação; formação de professores; formação inicial.

**ABSTRACT:** Interview with Professor Mariana Gaio Alves, professor at the Institute of Education of the University of Lisbon (IE-ULisboa), focusing on the debate about initial teacher training in the Portuguese context and the times, spaces and role of the Sociology of Education in such training. The social, historical and political specificities of teacher training in Portugal are viewed here from the perspective of the contemporary challenges that have emerged in the relationships established between the University and Basic Education in the task of materializing a critical training aligned with democratic principles in times of advancing neoconservatism.

**Keywords:** sociology of education; teacher training; initial training.

**RESUMEN:** Entrevista a la profesora Mariana Gaio Alves, profesora del Instituto de Educación de la Universidad de Lisboa (IE-ULisboa), centrándose en el debate sobre la formación inicial del profesorado en el contexto portugués y los tiempos, espacios y papel de la Sociología de la Educación en dicha formación. Las especificidades sociales, históricas y políticas de la formación docente en Portugal son analizadas aquí desde la perspectiva de los desafíos contemporâneos que han surgido en las relaciones establecidas entre la Universidad y

la Educación Básica en la tarea de materializar una formación crítica alineada con los principios democráticos en tiempos de avance del neoconservadurismo.

**Palabras clave:** sociología de la educación; formación de profesores; formación inicial.

## Introdução

A Professora Mariana Gaio Alves é doutorada em Ciências da Educação pela Universidade Nova de Lisboa (UNL), mestre em Ciências da Educação e licenciada em Sociologia da Educação pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa da Universidade de Lisboa (ISCTE-IUL). Em 2024, tornou-se Professora Catedrática no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IE-ULisboa). É investigadora na Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação (UIDEF) na ULisboa. Tem lecionado vários cursos nas áreas de Sociologia da Educação, Supervisão de Professores, Educação de Adultos, Políticas Educacionais e Metodologia da investigação educacional em cursos/programas de licenciatura, mestrado e doutoramento em Educação – destacamos que atualmente Mariana Gaio Alves atua também como professora na pós-graduação em Pedagogia do Ensino Superior no IE-ULisboa. Suas investigações têm se centrado em temas como: o ensino superior, a aprendizagem profissional dos professores, a transição para o trabalho dos licenciados, desenvolvimento profissional e as identidades dos professores e a aprendizagem ao longo da vida.

O encontro com a Professora Doutora Mariana Gaio Alves, realizado em Lisboa no ano de 2024, focou na formação inicial para a docência no ensino superior português e no desenvolvimento contínuo da profissão docente, bem como no papel da Sociologia da Educação em tal formação. Se em suas investigações Mariana Gaio tem enfatizado o desafio da formação docente em promover a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal e a inclusão educativa dos estudantes, na presente entrevista foi possível se debruçar sobre as mudanças no cenário histórico e político da formação e do trabalho docente e as experiências que têm sido desenvolvidas face às novas exigências de formação e desenvolvimento profissional dos professores em Portugal.

O objetivo principal do encontro e da entrevista vai na direção do aprofundamento do debate acerca da formação inicial de professores e do papel da Sociologia da Educação nessa formação no contexto português. E, de forma mais ampla, trata-se também de fomentar uma reflexão em torno dos desafios que atravessam diferentes países no campo da formação e do trabalho docente em um contexto de avanço dos neoconservadorismos que colocam os fundamentos da educação – a exemplo da Sociologia da Educação – em posições diminutas em

função de perspectivas pragmáticas, imediatistas, utilitaristas, meritocráticas e até negacionistas da ciência.

## Entrevista

**Entrevistadoras:** Estamos aqui nessa tarde na Universidade de Lisboa para conversarmos com a professora Mariana Gaio Alves. Então, neste momento, professora, boa tarde! Nós gostaríamos de iniciar esta conversa ouvindo um pouco sobre a sua trajetória profissional. Quando e por que a senhora passou a se interessar pelo tema da formação e desenvolvimento profissional dos professores?

**Mariana Gaio Alves:** Muito obrigada pelo convite para esta entrevista! No início dos meus estudos na universidade, fiz uma licenciatura em Sociologia e pouco tempo depois, tive a oportunidade de trabalhar num projeto de investigação em educação. A partir desse momento, comecei a estudar questões que têm a ver com as ligações entre estudar na universidade e exercer uma profissão. Durante muitos anos, investiguei o tema da inserção profissional dos graduados, dos egressos, como dizem vocês no Brasil. Portanto, muito essa questão de depois de concluir uma licenciatura, como é que os graduados entram no mercado de trabalho, quais são as dificuldades que sentem? Quais são as facilidades que sentem? Como é que se articulam as competências desenvolvidas no interior da universidade e aquilo que depois é requerido no mundo do trabalho? E desde cedo ficou claro que não podemos olhar para estas relações de uma forma muito mecânica e direta. Não há aqui uma possibilidade de nós fazermos um diagnóstico de quais são as necessidades que os profissionais têm, e depois ajustar a formação no ensino superior a essas necessidades. Porque a formação no ensino superior é muito mais ampla do que só formar profissionais, também é direcionada a formar as pessoas, os cidadãos, não só a sua vertente profissional, também têm muita importância para a formação de cidadãos que se saibam viver e trabalhar em democracia. E, portanto, tudo isto é muito importante, por outro lado, do ângulo do mercado de trabalho, os contextos de trabalho também mudam muito. Não só porque as tecnologias mudam, porque também as práticas e os processos de trabalho mudam. E, portanto, mais do que estar à procura de encontrar uma relação direta, um encaixe perfeito entre as competências que desenvolvem na universidade e as competências que são requeridas no mercado de trabalho, o que é importante aqui, é mantermos a comunicação entre estes dois universos, a universidade e o mercado de trabalho, e ir pensando no interior da universidade, quais são as intenções e os objetivos que queremos atingir com a formação no ensino superior. Uma parte do meu trabalho docente, desde que comecei a dar aulas na

universidade, foi trabalhar em cursos de formação de professores, ou seja, cursos que formavam professores para ensinarem no terceiro ciclo e no secundário, que é mais ou menos o vosso Ensino Fundamental e o Ensino Médio, portanto, desde cedo todos estes pensamentos e perspectivas sobre as relações entre universidade e o mundo do trabalho se orientaram para o caso específico dos professores, primeiro do ensino secundário e depois do ensino superior, porque mais recentemente me envolvi com projetos de investigações, em modalidade de formação, que visa beneficiar o desenvolvimento profissional dos professores universitários. Não há em Portugal, como creio que não há no Brasil, uma obrigatoriedade de os professores da universidade precisarem fazer formação pedagógica antes de ingressarem como docente na carreira, embora os doutorandos no Brasil tenham a obrigatoriedade de dar um conjunto de aulas, o chamado Estágio em Docência<sup>1</sup>, mas não existe propriamente uma formação pedagógica específica. Portanto, isso também é um terreno muito interessante para estudar e explorar tal relação direta. Essas questões do desenvolvimento profissional, em particular dos professores, dos vários níveis de ensino é algo que tenho acompanhado ao longo dos anos, nos últimos cinco anos, também sou professora do curso de doutoramento em Formação de Professores, então, essas questões da formação docente estão muito presentes como área de investigação.

**Entrevistadoras:** Com as novas exigências de formação e desenvolvimento profissional de professores, como a senhora analisa as especificidades, potencialidades e limitações dos atuais modelos de formação de professores para o ensino básico e secundário ofertados pelos institutos e politécnicos em educação de Portugal?

**Mariana Gaio Alves:** Ora, bem, os modelos. Existem duas maneiras de responder a essa questão. Por um lado, podemos falar sobre os modelos curriculares que estão vigentes neste momento. E, no caso português, o processo de Bolonha, que foi desenvolvido e implementado a partir de 2006, trouxe grandes consequências para os cursos e para a organização curricular dos cursos de formação de professores desde logo, porque todos os professores dos ensinos

---

<sup>1</sup> Conforme Portaria da CAPES nº 76, de 14 de abril de 2010, “o estágio de docência é parte integrante da formação do pós-graduando, objetivando a preparação para a docência, e a qualificação do ensino de graduação sendo obrigatório para todos os bolsistas do Programa de Demanda Social [...]” (Capes, 2010). No processo de formação dos estudantes dos Programas de Pós-Graduação no Brasil, o estágio em docência tem sido compreendido como componente essencial para a experiência formativa dos professores pesquisadores que, com o Mestrado e Doutorado, podem vir a atuar em instituições de ensino superior e já trariam, então, graças ao estágio em docência, ao menos uma experiência de acompanhamento e regência em turma de graduação. Disponível em: <https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detallar?idAtoAdmElastic=741>. Acesso em: 07 de abr. de 2025.

básico e secundário passaram obrigatoriamente a ter um mestrado em ensino, e isso fez com que tenha existido uma certa dissociação entre a formação para o ensino, a formação pedagógica, que foi acoplada mais ao nível do mestrado, e a formação a nível de licenciatura ou de graduação, se quiser que se centre mais no caso dos professores do terceiro ciclo do ensino secundário, nos conteúdos daquilo que os professores vão ensinar, pode ser história, física, matemática. Portanto, houve assim uma certa separação entre essas duas vertentes e o balanço que fazemos da investigação é que no fundo seria até mais vantajoso pensar estas duas vertentes mais articuladamente, mas que não é possível. Um dos grandes desafios e potencialidades dos atuais modelos de formação de professores é o combinar aquilo que é formação pedagógica na universidade, com aquilo que é a prática profissional e os contextos de prática profissional, os atuais mestrados em ensino combinam e articulam essas duas vertentes, portanto, a prática profissional faz parte da formação inicial ao nível dos mestrados. Isto é uma potencialidade, mas é uma potencialidade se for vista também como uma relação dialógica entre aquilo que é a formação mais teórica e aquilo que é depois a experiência prática, porque nós não podemos olhar para esta interação numa lógica de aplicação, de dizer que os bons futuros professores estão na universidade, aprendem tudo sobre o que é ensinar, aprendem Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Didáticas, Políticas, Organização do sistema educativo e depois vão à prática aplicar. Não, isto não funciona desta forma. Portanto, há aqui um desafio grande, que é o desafio de conseguir uma relação dialógica e de interação, permitir que da prática eles possam trazer questionamentos, observações e problemas que depois possam trabalhar também no contexto da formação académica na universidade, nas várias unidades curriculares que compõem o seu plano de estudos. Relativamente à Sociologia da Educação, pois nós fizemos recentemente, com uma colega, Ana Matias Diogo, um levantamento das unidades curriculares, das disciplinas de Sociologia da Educação em todos os cursos de licenciatura e mestrado nas universidades e politécnicos em Portugal. E isso permitiu perceber que essa área está muito presente nos cursos de formação de professores, mas muitas vezes nós temos aqui uma tensão grande entre as áreas de estudo, como a Sociologia da Educação e as áreas mais da Didática e da Psicologia. Há sempre uma grande tensão e, no fundo, o que me parece que aquele levantamento mostra é que a Sociologia da Educação está presente nos cursos de formação de professores com alguma tendência para reduzir o seu peso em tais cursos. Mas, eu também não sou defensora de que os estudantes que vão ser professores têm que saber apenas ou majoritariamente de Sociologia da Educação. Eles vão ser professores, vão trabalhar com estudantes. Os estudantes, na sua aprendizagem, são influenciados por fatores sociais, por fatores psicológicos, pelo próprio contexto em que vivem, pelas práticas dos professores nas

escolas, pela forma como a escola se organiza e, portanto, penso que o desafio é ter cursos de formação de professores que realmente deem conta de todos esses fatores múltiplos que influenciam a aprendizagem dos estudantes. O professor em sala de aula, nas escolas, tem que estar conhecedor e ciente de todas essas influências para poder decidir os modos de agir perante cada turma, cada estudante, cada escola em que ensina. Isso parece muito importante.

**Entrevistadoras:** Mas, no caso específico da disciplina de Sociologia da Educação, a senhora defende a sua inserção no currículo dos cursos de formação de professores? Por quais razões?

**Mariana Gaio Alves:** Sem dúvida nenhuma! Eu acho que a Sociologia da Educação tem que fazer parte da formação de professores. É através da Sociologia da Educação que nós podemos perceber o modo como as origens socioculturais, socioeconômicas, os níveis de escolaridade dos pais, sobretudo das mães – já que a investigação também nos mostra que os níveis de escolaridade das mães são particularmente importantes –, grupos étnicos a que pertencem, terem ou não percursos migratórios, marcam os sujeitos. Nós temos em Portugal, como um pouco por todo o mundo, cada vez maior presença de estudantes que vêm de outros países ou que os pais vieram de outros países. E todos esses fatores que são estudados pela Sociologia são fatores extremamente importantes para o campo da Educação. Mas, eles são complementares também de outros fatores e de outras variáveis e vertentes que influenciam a aprendizagem dos estudantes e que também têm que ser analisados e considerados quando se constrói e desenha um plano curricular para o curso de Formação de Professores, portanto, Sociologia da Educação, sim, sem dúvida, tem que se fazer presente nesses cursos. Há uma grande diferença entre estudar Sociologia na graduação de Sociologia ou no mestrado de Sociologia, e estudá-la quando se está num curso de formação de professores. Os professores não vão ser sociólogos, mas precisam de estar cientes e conhecedores dos resultados da investigação sociológica e do conhecimento sociológico para poderem também mobilizar esse conhecimento na sua ação como docentes.

**Entrevistadoras:** Quais são, então, os desafios enfrentados pelas universidades para a inserção do ensino de Sociologia da Educação no currículo das Licenciaturas em Portugal?

**Mariana Gaio Alves:** Em Portugal as licenciaturas não formam os professores para o exercício da docência, conforme o currículo português do ensino superior, a formação inicial é

um pré-requisito para o ingresso no mestrado<sup>2</sup>, por meio do qual se adquire o direito de lecionar na Educação Básica e Secundária. No currículo superior, a Sociologia da Educação está garantida na formação docente. Agora, no momento atual, há um grande desafio: nós temos em Portugal um grupo profissional dos professores portugueses que está profundamente envelhecido. Temos um grande desafio agora, que é a falta de professores no ensino básico e no ensino secundário. Há muitos alunos que ficam sem professor durante muitos meses, porque há falta de professores. Não há professores em números suficientes para o número de alunos que temos nas escolas. E esse é um grande desafio, porque há uma certa tentação, por vezes, de resolver o problema aligeirando aquilo que é ao estudo de Sociologia da Educação e outras matérias, que são consideradas um bocadinho mais periférico, relativamente à ação profissional. Então, este é um momento muito de desafio, porque é preciso, com certeza, dar resposta a este problema que é a falta de professores. Mas, é preciso encontrar respostas que não desvalorizem aquilo que são os saberes da Sociologia, da Educação e de outras disciplinas para formar um professor. Como eu dizia há pouco, para formar um professor precisamos de vários saberes disciplinares, da Sociologia da Educação, da Psicologia da Educação, das Didáticas, das Políticas. E o desafio neste momento, eu penso, que é muito dar resposta a esta falta de professores sem deixar que fiquem desvalorizados estes saberes que têm que fazer parte da formação e que têm que interagir com aquilo que os professores aprendem na prática e nos estágios, observando as aulas de outros professores.

**Entrevistadoras:** Em sua perspectiva, qual é o grau de importância do elemento da colaboração na formação e desenvolvimento profissional do professor no século XXI?

**Mariana Gaio Alves:** Eu penso que como a parte da prática e da experiência prática integrada na formação, a colaboração é também um elemento chave do desenvolvimento profissional docente. Aliás, ao longo da carreira, se pensarmos nas trajetórias profissionais dos professores para lá da formação inicial, a colaboração é um elemento absolutamente decisivo na qualidade do trabalho dos professores e na qualidade do trabalho das escolas, enquanto grupos que dão resposta a um conjunto de estudantes que os procuram. É muito fácil falar em colaboração, mas muitas vezes é muito difícil concretizar esses modos colaborativos de

---

<sup>2</sup> No Brasil, ao contrário de Portugal, e de acordo com a Lei Nacional Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96 (LNDDB), Art. 62º, as Licenciaturas Plenas (Pedagogia, Matemática, História, etc.) garantem a formação docente para atuação na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio). Conforme Art. 44º da LNDDB, os cursos de Especialização, Mestrado e Doutorado (pós-graduação) são considerados como formação continuada e de aprimoramento dos conhecimentos docentes no campo da ciência (Brasil, 1996).

trabalho. Mas, de facto, nós temos que pensar cada vez mais as escolas como espaços onde os professores das diferentes salas de aula, das diferentes áreas, o professor que ensina Física, Química, Matemática, História, que comunicam e que articulam entre si, para organizarem atividades de aprendizagem para os estudantes. Isso evita, por exemplo, que os estudantes estejam a aprender sobre um determinado conceito numa disciplina quando já aprenderam na outra, mas em como se não tivessem aprendido. Há experiências muito interessantes de colaboração entre professores de diferentes disciplinas, por exemplo, entre a História e o Português: estão a estudar os autores, por exemplo, estão a estudar “Os Lusíadas” e Luís de Camões – que é uma coisa que eles estudam no nono ano, creio eu, cá em Portugal –, estão a estudar esse autor, mas é muito importante que tenham o contexto histórico em que aquela obra foi escrita, o que é que está ali relatado nos Lusíadas, sobre a forma como os portugueses andaram pelo mundo e fizeram várias expedições a várias regiões, mas é importante que eles tenham um contexto histórico, isto para dar um exemplo. Portanto, a colaboração entre professores é importante desse ponto de vista curricular, mas também para dar melhor resposta aos estudantes. Se cruzarem as informações que cada um tem sobre cada turma e cada estudante, teremos uma melhor qualidade da resposta que é dada aos estudantes e criamos melhores condições para a aprendizagem deles. Portanto, a colaboração é, de facto, um elemento decisivo, muito difícil de concretizar, mas é decisivo e é também importante do ponto de vista do desenvolvimento profissional, porque aquilo que nós pretendemos com o desenvolvimento profissional docente não é apenas cada professor individualmente melhorar as suas competências e conhecimentos para ser professor. Mas, também que melhore as suas competências e conhecimentos para colaborar com outros professores e terem uma resposta coletiva.

**Entrevistadoras:** Qual é o papel da teoria na formação dos futuros professores? Como esse conhecimento declarativo possibilita o desenvolvimento profissional, em uma cultura escolar que supervaloriza a prática?

**Mariana Gaio Alves:** O que é fundamental é criar modos de funcionamento e de organização curricular que permitam a interação entre os professores que estão em contexto de prática profissional a supervisionar os estudantes, futuros professores. E os professores que estão em contexto universitário a colaborar na formação desses professores. Portanto, se nós dermos a responsabilidade da formação de professores exclusivamente aos professores que já estão a ensinar nas escolas, nós tenderemos a fazer com que os futuros professores reproduzam

aquilo que são as práticas que já existem atualmente na escola. O que nós queremos é que os futuros professores também sejam capazes de inovar, de criar novas práticas, de levar para a escola, para os professores que já estão na prática, novos questionamentos: será está a melhor forma de fazer? É a melhor ação? Que outras modalidades é que nós podemos ter em termos de estratégias de ensino da organização curricular? Este papel da teoria, por assim dizer, é um papel muito importante, para permitir o desenvolvimento do futuro professores, mas também o desenvolvimento dos professores que já estão na escola. Muitos professores que já estão na escola se beneficiam muito de acompanhar futuros professores, porque isso lhes permite também uma relação mais próxima com o contexto universitário e com o conhecimento dos professores do contexto universitário.

**Entrevistadoras:** Como conciliar essa articulação entre teoria e práticas nos atuais currículos de formação inicial, doutoramento e continuada de professores?

**Mariana Gaio Alves:** Por isso, bem da formação continuada, enfim, aquilo que nós normalmente fazemos, enquanto professores da universidade, é oferecer algumas ações de formação pontuais em que vamos partilhar conhecimentos que foram produzidos pela investigação em Educação designada da área da Sociologia, mas não só. E, portanto, acho que o nosso papel é um papel, um bocadinho circunscrito, limitado, não é? Porque são formações muito, muito pontuais. Agora, em termos do doutoramento ou dos cursos que formam os professores, inicialmente para ser professores? Aí já são outros desafios. No caso do doutoramento, aquilo que os professores muitas vezes vêm fazer à universidade é um bocadinho, buscar inspiração, recursos, outros saberes para questionarem as suas práticas e para melhorarem as suas práticas e para refletirem criticamente e reflexivamente sobre as suas práticas, porque no final, claro, que os doutorandos têm que produzir uma investigação original que traga novo conhecimento. Mas, muitos dos doutorandos são professores nas escolas básicas e secundárias. E, no fundo, eles vêm aqui um pouco à procura deste novo, desta nova lufada de ar fresco, vamos dizer assim, para repensar e para refletir criticamente sobre as suas práticas docentes e sobre as práticas das escolas. No caso do dos professores em formação inicial, aí eu acho que o desafio é ainda maior, porque, de facto, é o desafio de encontrar um diálogo, uma relação dialógica entre os saberes. Dos cursos de Formação de Professores e aquilo que são depois os seus momentos de estágio e de imersão na prática profissional de experienciar o que é ser professor, isso implica, de facto, um trabalho muito colaborativo entre o futuro professor, os professores da escola e os professores da universidade, no sentido de criar oportunidades de

aprendizagem para os futuros professores que lhes permitam interrelacionar aquilo que são a perplexidades e experiências que têm nos contextos escolares e aquilo que são depois os conhecimentos, os saberes e as competências que desenvolvem na universidade, com recurso àquilo que é o conhecimento científico produzido pela investigação.

**Entrevistadoras:** Como o ensino da Sociologia da Educação pode desenvolver ou até mesmo aprimorar a identidade crítica dos estudantes futuros professores?

**Mariana Gaio Alves:** Eu penso que a Sociologia da Educação tem um papel fundamental para aprimorar essa capacidade crítica, porque obriga a desmontar determinadas crenças relativamente ao modo como a aprendizagem depende essencialmente do mérito e da capacidade de cada um. Obriga mesmo a repensar esse aspecto e a pensar que o sucesso escolar, enfim, seja o que isso for dos estudantes, depende, com certeza, das suas capacidades individuais, mas depende também muito dos seus contextos de vida, dos seus contextos familiares e do contexto escolar, portanto, acho que tem um papel fundamental. Mostrar a importância do trabalho colaborativo, do trabalho que os professores fazem na escola, no ajustamento que é preciso sempre fazer, da própria organização escolar e das estratégias de ensino, tendo em conta a diversidade dos estudantes, a sua diversidade social, económica e cultural.

**Entrevistadoras:** Quais são os pontos divergentes e convergentes dessa encruzilhada do Ensino de Sociologia da Educação nos currículos da pós-graduação em Portugal?

**Mariana Gaio Alves:** Portugal, bem, o que essa investigação mostra é que a Sociologia da Educação está presente nos cursos de formação de professores, também em cursos de Sociologia, também em cursos de Educação e Formação. Curiosamente, está muito mais presente nos cursos de Formação de Professores do que nos cursos de Sociologia. Nos cursos de Sociologia têm menos presença, unidades curriculares e disciplinas de Sociologia da Educação. Portanto, uma grande parte da Sociologia da Educação, que é ensinada nas universidades e politécnicos, é ensinada em cursos de Formação de Professores. Agora, para além dessa dimensão quantitativa, qualitativamente estamos a falar de saberes sociológicos e formas de ensinar Sociologia razoavelmente diferentes. É claro que a Sociologia é sempre aquela abordagem que nos questiona sobre o modo como a sociedade vai evoluindo e o modo como as transformações da sociedade se interligam com transformações que são observadas na

escola e nos estudantes. Mas, a verdade é que aquilo que a investigação nos evidenciou é que há uma maior ênfase em abordar perspectivas e aprofundar perspectivas da Sociologia no caso das licenciaturas em Sociologia, dos mestrados em Sociologia. Quando a Sociologia da Educação é ensinada nos cursos de Formação de Professores, ela é ensinada com maior enfoque na interdisciplinaridade com outras abordagens disciplinares. Portanto, não é tão aprofundada em termos de perspectivas teóricas da Sociologia, mas é mais interligada com outras abordagens disciplinares e, portanto, há formas diferentes de selecionar os saberes sociológicos que são trabalhados com os estudantes e há formas diferentes em termos de estratégias de ensino, consoante se esteja a pensar na Sociologia da Educação em curso de Sociologia ou na Sociologia da Educação em curso de Formação de Professores.

**Entrevistadoras:** No Brasil, e em outros países, temos vivenciado um avanço da extrema direita e de concepções negacionistas, anticientíficas e de combate às Ciências Humanas e Sociais. Como a senhora analisa esses movimentos? Eles têm se feito presentes em Portugal, especificamente nas Universidades?

**Mariana Gaio Alves:** Em Portugal, acho como por todo o mundo, como estávamos a dizer, há realmente um avanço grande da extrema direita, associada a visões que desvalorizam precisamente este tipo de saberes sociológicos. São visões que colocam muita ênfase na capacidade individual, no mérito individual, que querem de alguma maneira, digamos assim, jogar debaixo do tapete ou pelo menos ignorar determinadas questões que são hoje muito importantes entre os jovens, como por exemplo, as questões da identidade de género. Nós temos tido em Portugal um crescente de debate em torno dessas questões, porque precisamente um conjunto de pessoas de extrema Direita tem apelado que não se deve falar assim, dizendo de uma forma simplista, mas que estas questões de género não devem ser trabalhadas na escola, que a escola serve para transmitir saberes e não para formar as identidades sociais e pessoais dos estudantes. Também há alguns movimentos ligados à Direita que têm feito um apelo ao regresso, ao sentido de família tradicional, em que a mulher não trabalha fora, é doméstica, enfim, esses papéis sexuais e sociais de mulheres e homens muito tradicionais e dicotômicos. Portanto, há vários discursos na sociedade portuguesa que se têm tornado mais audíveis, se têm tornado mais fortes nos últimos tempos em torno dessa matéria. Penso que a resposta para isso tem que ser dentro das universidades, trabalhar, precisamente com muita convicção, estas abordagens sociológicas que nos mostram a importância dos fatores sociais na forma como os estudantes estão na escola e aprendem. E, por outro lado, penso que também é muito importante

no interior das universidades e nos cursos de formação de professores favorecer modos de trabalho pedagógicos democráticos, que apelem à participação e ao diálogo de pessoas com diferentes posicionamentos e diferentes abordagens e diferentes e diferentes perspectivas sobre o mundo e sobre a sociedade. E, portanto, acho que a universidade permanece e deve permanecer como um espaço de abertura, não está dominado por uma determinada visão hegemónica do mundo, pelo contrário, é um espaço onde se devem expressar diferentes discursos e diferentes perspectivas e, por outro lado, que deve também ser um espaço onde se valorizam estas influências dos fatores sociais sobre o modo como se processa a aprendizagem dos estudantes, e a Sociologia é fundamental nesse aspecto, que é desmontar essa ideia de que o resultado de um aluno é apenas o resultado da sua capacidade ou do seu nível de inteligência.

Lisboa, 11 de setembro de 2024.

## Conclusão

As especificidades da formação inicial de professores em Portugal expressam não apenas a própria história da educação nacional, mas também os direcionamentos políticos das últimas décadas no sentido das exigências para o exercício da docência no país e suas reverberações nos currículos das instituições de ensino superior. Nesse sentido, o diálogo com a Professora Doutora Mariana Gaio Alves é revelador das consequências do Processo de Bolonha para a concepção e para a organização da formação de professores no cenário português, com destaques para o desafio de articulação entre formação e prática profissional, bem como para o papel da Sociologia da Educação na formação inicial desses profissionais.

Recomendamos, adicionalmente, um aprofundamento a partir da leitura de publicações importantes da professora, que tratam de temas afins a esta entrevista, pelo qual destacamos três artigos recentes, a saber: “A inserção profissional de licenciados e mestres: efeitos paradoxais da feminização do ensino superior em tempos de incerteza” (Alves, 2021); “Encruzilhadas no ensino de sociologia da educação: análise de currículos de licenciaturas e mestrados em Portugal” (Alves; Diogo, 2021); “Da interrupção à experimentação e transformação: formação pedagógica de professores do ensino superior em Portugal” (Gonçalves; Alves, 2024).

Ademais, compreendemos que o diálogo com outra realidade, como a portuguesa, pode nos auxiliar no exercício constante de refletir sobre as concepções, as políticas e os processos

educacionais implicados na formação inicial de professores na Contemporaneidade. O Brasil atravessa tempos de revisitação desta formação, em função das transformações políticas experienciadas nos últimos nove anos, e pensar dialogicamente com realidades outras pode ser um caminho interessante no processo de amadurecimento e de luta por uma formação docente crítica e com compromisso social.

### **Agradecimentos**

Pelo Financiamento do Doutorado Sanduíche em Lisboa, agradecemos à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E, pelo financiamento da investigação, agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

### **REFERÊNCIAS**

ALVES, Mariana Gaio. A inserção profissional de licenciados e mestres: efeitos paradoxais da feminização do ensino superior em tempos de incerteza. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 95, p. 103-126, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/spp/8712>. Acesso em: 26 maio 2025.

ALVES, Mariana Gaio. DIOGO, Ana Matias. Encruzilhadas no ensino de sociologia da educação: análise de currículos de licenciaturas e mestrados em Portugal. **Perspectiva**, Florianópolis, v 39, n. 4, p. 1-20, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2021.e72144>. Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/72144>. Acesso em: 26 maio 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Presidência da República, Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 02 jul. 2025.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portaria nº 076, de 14 de abril de 2010**. Aprova o novo Regulamento do Programa de Demanda Social constante do Anexo a esta Portaria. Disponível em: <https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=741>. Acesso em: 02 jul. 2025.

GONÇALVES, Teresa; ALVES, Mariana Gaio. Da interrupção à experimentação e transformação: formação pedagógica de professores do ensino superior em Portugal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 50, e268752, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202450268752>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/RQQVWtMq8PfnKqCGKSqBNjw/>. Acesso em: 26 maio 2025.

## **SOBRE AS AUTORAS**

### **Mariana Gaio Alves.**

Professora Catedrática do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IE-ULisboa), pesquisadora da Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação (UIDEF).

Contribuição de autoria: entrevistada – aprovação do roteiro de entrevista e respostas às perguntas.

Currículo Português: <https://www.cienciavita.pt/3C1D-6ADA-4118>

### **Ruth Araújo da Cunha.**

Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Bolsista CAPES de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) na Universidade de Lisboa (IE-ULisboa) e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Sociologia Política da Educação (GRUPESPE/UFAM). Contribuição de autoria: entrevistadora – concepção do roteiro de entrevista, transcrição, revisão inicial.

Currículo Lattes <https://lattes.cnpq.br/6035214097962303>

### **Camila Ferreira da Silva.**

Professora Adjunta e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Líder do Grupo de Pesquisa em Sociologia Política da Educação (GRUPESPE/UFAM).

Contribuição de autoria: entrevistadora - concepção do roteiro de entrevista, revisão inicial e final.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3520518346076110>

## **Como referenciar**

ALVES, Mariana Gaio; CUNHA, Ruth Araújo da; SILVA, Camial Ferreira da. O papel da sociologia da educação na formação docente em Portugal: entrevista com Mariana Gaio Alves. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 21, n. 52, e17287, 2025. DOI: 10.22481/praxisedu.v21i52.17287